

PRAELECTIO.ONIS**Estudo do comportamento discursivo do gênero
preleção em ambiente de competição**Claudinei Cesar ZAGO¹

Resumo: Este artigo trata do comportamento discursivo do gênero *preleção*, tomado em ambiente de competição desportiva. A partir das investigações e análises realizadas, busca-se saber o que é possível nele reconhecer em relação a sua formulação discursiva, bem como o uso estratégico de determinados recursos linguístico-discursivos que ele comporta, quando se observa a *performance* discursiva de um preletor em situação de produção. Por estar vinculado a *um fenômeno linguístico* característico das *arenas de conflito*, por conta das expectativas de desempenho e resultados, o discurso específico da preleção resulta de um modo estratégico de organizar e utilizar determinados argumentos linguísticos e paralinguísticos que, em situação de uso, tem a intenção de movimentar o “espírito de um auditório” ao colocar em xeque a liderança e o desempenho de preletores esportivos frente às equipes comandadas. Para estudar a constituição do gênero preleção, inscrito nos estudos da língua oral, bem como descrever os recursos linguístico-discursivos estrategicamente utilizados por um orador dominante – o técnico de futebol –, para a formulação desse discurso específico, foram consideradas os pressupostos da Teoria dos Gêneros, a partir das contribuições de Bakhtin ([1979] 2003) e de Bazerman (2006); da Análise da Conversação, a partir das contribuições de Kerbrat-Orecchioni (2006), contribuições essas que se somam, em grande parte, aos postulados da Teoria da Argumentação, a partir de Perelman e Olbrecht-Tyteca ([1996] 2002), no sentido de fundamentar as observações acerca do processo constitutivo de um gênero instrucional-argumentativo quase esquecido pelo âmbito das diferentes correntes da análise do discurso.

Palavras-chave: Preleção; Estratégias argumentativas; Discurso persuasivo.

Abstract: This article deals with the discursive behavior of prelection genre, taken in an environment of competitive sport. From the investigations and analyzes, it seeks to know what is possible to recognize in relation to its discursive formulation as well as the strategic use of certain linguistic and discursive resources it holds, when observing the discursive performance of a speaker production situations. By being tied to a linguistic phenomenon characteristic of arenas of conflict, due to the performance and results expectations, the lecture specific discourse results in a strategic way to organize and use certain linguistic and paralinguistic arguments which, in the situation of use, has the intention to move the “spirit of an audience” since it puts at stake sport speakers’ leadership and performance in front of the commanded teams. To study the lecture gender constitution, enrolled in studies of oral language, as well as describe the linguistic and discursive resources used by a Strategically dominant speaker – the football coach –we considered the assumptions of the theory of genres, from the contributions of Bakhtin ([1979] 2003) and Bazerman (2006), of Conversational Analysis, from the contributions of Kerbrat-Orecchioni (2006), these contributions add up to a great extent to the postulates of the Theory of Argumentation from Olbrecht-Tyteca and Perelman ([1996] 2002), in order to substantiate the observations about the process of incorporation of a instructional argumentative genderalmost forgotten by the scope of the different streams of discourse analysis.

Keywords: Prelection; Argumentative strategies; Persuasive speech.

1 Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela USP-Universidade do Estado de São Paulo. São Paulo-SP. Correio eletrônico: cesarzago@usp.br.

Considerações Iniciais

Estudos sobre gêneros do discurso inscritos no jornalismo, em especial, aqueles vinculados à língua escrita, são observados com frequência. Entretanto, os resultados de pesquisas relacionadas aos gêneros tomados pela língua falada – como é o caso da *preleção*, reconhecido como gênero instrucional cuja produção e circulação direcionam-se a um campo específico do Esporte, repercutido pela mídia eletrônica –, mostram o quanto se pode ainda avançar, visto que a maioria dos trabalhos identificados nessas pesquisas está vinculada muito mais à área da Psicologia do Esporte do que propriamente relacionadas às linhas de investigação linguística que constituem, como neste caso, o eixo da Teoria da Argumentação e da Análise da Conversação.

Dessa forma, ao se comparar a formulação linguístico-discursiva que se reconhece como um gênero instrucional, observado em situação de pré-jogo, como a preleção do treinador esportivo, com outras formulações (com perspectivas argumentativas ou expositivas) que se inscreveram historicamente como tal, em outras esferas de circulação, o presente trabalho aponta, inicialmente, para a observação de um fenômeno linguístico que pode ter ocorrido com o gênero em estudo – a transmutação – visto que há, no levantamento de trabalhos relacionados à organização discursiva da preleção, indícios de que tenha ocorrido algum tipo de alteração não apenas na situação de produção, mas também no aspecto composicional da preleção a ponto de ser possível questionar até que ponto e o que foi mantido e/ou apagado da concepção original desse gênero.

A partir dessa perspectiva, apresenta-se um dilema teórico que julgamos fundante: é possível afirmar que um indivíduo busque, entre gêneros “já ditados” pelas práticas sociais, um que melhor se adapte a sua intenção discursiva e, ao fazer essa opção, possa, estrategicamente, fazer migrar um gênero que inscrevera-se historicamente numa determinada esfera de circulação (educação e/ou religião) para outra (esporte)? Ao proceder desse modo, é possível encaminhar o discurso para que ele resulte persuasivo a ponto de atingir o estado de *animos impellere*?

Não se pode contestar que todo uso da linguagem em situação

comporta uma dimensão argumentativa. Sabe-se, também, que “a argumentação sempre tem como meta agir eficazmente sobre os espíritos, provocar a adesão a teses que produzam uma ação imediata ou prepararem para uma ação do indivíduo no momento adequado” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, [1996], 2002, p. 50).

Desse modo, quando a língua gemé tomada por um determinado gênero textual que assume caráter persuasivo, como é o caso da preleção, pode-se admitir que há em jogo diferentes processos de interação verbal materializados na/pela linguagem, estejam eles vinculados às atividades discursivas e situações de produção e recepção prosaicas ou, então, às mais complexas que as práticas sociais de linguagem comportam. Nelas, construímos e reconstruímos sentidos ao agir discursivamente em eventos enunciativos situados, com vistas à consecução de determinados propósitos comunicativos.

Isso nos leva então a conceber o discurso, inscrito no gênero tomado para exame, resultante da produção e o intercâmbio de efeitos de sentido. Esse processo constitutivo, observado num dado contexto sociointeracionista, orientado por uma dada finalidade, considera não apenas a esfera de atividade social, mas, sobretudo os papéis e posições sociais dos quais os sujeitos envolvidos são investidos, visto que suas formulações discursivas são histórica e socioculturalmente instituídas e situadas.

Levando-se em conta essas considerações, entendemos que o estudo de gêneros do discurso tem possibilitado uma abordagem da linguagem que não mais permite compreendê-la ou estudá-la por si mesma, alheia a quaisquer fatores envolvidos na sua produção ou no uso que dela fazemos em sociedade. Por essa razão, levantamos uma hipótese que nos parece essencial para orientar o estudo acerca do comportamento discursivo de um gênero que se inscreve, diacronicamente, em diferentes situações de produção, com intenções comunicativas específicas.

Preleção: entre a estabilidade e o desafio de transmutar-se

Se um gênero consolidado, como a *preleção*, pode modificar-se não apenas em sua estrutura composicional, mas também em relação aos conteúdos ideologicamente conformados (temas comunicáveis

através dos gêneros) e aos traços da posição enunciativa do locutor (marcas linguísticas ou *estilo*), face aos propósitos comunicativos e às características que um suporte diferente requer para sua manifestação, é possível que, para materializar esse processo de reestruturação, segundo Bakhtin (2003, p.286), determinadas marcas linguísticas sejam mantidas/incorporadas, enquanto outras, apagadas.

Nessa perspectiva, pode-se supor que, entre os textos oralizados à época dos chamados “Estudos da Razão” (*Ratio Studiorum*), e o *corpus* tomado neste estudo para análise (preleção de Rogério Ceni, São Paulo Futebol Clube, 2008), ocorra uma espécie de transmutação composicional – seja por conta do contexto histórico ou da situacionalidade –, fato que implica melhor descrição da identidade e apropriação das estratégias argumentativas remanescentes posto que, ao examinar a organização das estratégias discursivas utilizadas por esse preletor contemporâneo e bem sucedido atleta futebolístico, é possível observar que

O gênero conserva, em sua estrutura composicional, tema e/ou estilo, marcas da transmutação, que podem ser percebidas em sua história, isto é, que podem recordar o seu passado, recente ou remoto. (BAKHTIN, 2003, p. 265)

Para Bazerman (2006) o conceito de gênero, passa pela condição de *formas padronizadas e reconhecíveis*, ao considerar que

Cada texto bem sucedido cria para seus leitores um fato social, ações significativas mediadas pela linguagem, que são realizadas através de formas padronizadas, típicas: os gêneros do discurso, que estão sempre relacionados a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias afins (BAZERMAN, 2006, p. 22).

Quando reflete sobre o processo de identificação e funcionamento do gênero, o autor considera que o gênero pode ser visto como um instrumento de interação em contextos, institucionais ou não. Bazerman (2006) afirma que os instrumentos conceituais e analíticos não necessários na análise de textos produzidos em sociedade e que por conta da produção de diferentes textos há que se criar uma forma de tipificá-los. Para tanto, pensando na complexidade de formas e intenções comunicativas, sugere a seguinte conduta:

Uma maneira de coordenar melhor nossos atos de fala uns com os outros é agir de modo típico, modos facilmente

reconhecidos como realizadores de determinados atos em determinadas circunstâncias. Se percebemos que um certo tipo de enunciado ou texto funciona bem numa situação e pode ser compreendido de uma certa maneira, quando nos encontramos numa situação similar, a tendência é falar ou escrever alguma coisa também similar. Se começarmos a seguir padrões comunicativos com os quais as outras pessoas estão familiarizadas, elas podem reconhecer mais facilmente o que estamos dizendo e o que pretendemos realizar. Assim, podemos antecipar melhor quais serão as reações das pessoas se seguimos essas formas padronizadas e reconhecíveis. Tais padrões se reforçam mutuamente. As formas de comunicação reconhecíveis e auto-reforçadas emergem como *gêneros* (BAZERMAN, 2006, p.29).

A partir dessas considerações, passamos a refletir sobre a formulação desse tipo específico de discurso que constitui a preleção, aqui entendida como um discurso apropriado por um sujeito, posicionado em cargo de comando e que tem o conteúdo desse discurso ajustado a um propósito específico que a situação de produção e o contexto onde diretamente atua definem como expectativa comunicativa perante um auditório particular (atletas em situação de pré-jogo) e outro, presumido ("*cartola*", torcida e mídia); *uma conferência; um discurso didático*.

Marcada por uma dimensão argumentativa, a organização do discurso inscrito na preleção é constituída a partir do uso estratégico de recursos linguístico-discursivos e paralinguísticos que visam movimentar o *espírito de um auditório* (PERELMAN e OLBRECHT-TYTECA, 1996), colocando em xeque a liderança e o desempenho de equipes em ambientes competitivos.

Para compreender o modo específico de organização do discurso preletor

Ao considerarmos o que há na base composicional de permanência e/ou de apagamento em relação à constituição do gênero *preleção*, lançando sobre essa materialidade um olhar diacrônico que se inicia com as *instruções de caráter* religioso instituídas pela pedagogia loyolana, no início do século XVI e, sob ação de diferentes contextos sociais, históricos e culturais desemboca no Pós-Modernismo ao assumir características específicas como aqueles que foram tomadas para estudo a partir de *corpus* inicial

, podemos nos deparar com questões fundantes para o trabalho de desvelamento desse modo de organização discursiva que, em referência à retórica clássica, reconhece a existência de uma série de raciocínios discursivos que, segundo Citelli (2005, p.19) entram na construção dos mecanismos persuasivos do discurso, relevantes à estrutura composicional da preleção tomada para análise. Assim, busca-se compreender, por meio da identificação, descrição e análise do referido *corpus*:

- a) como se organiza o conjunto de enunciados que configura, no plano da Argumentação, a preleção formulada em ambientes de disputa e confronto na esfera esportiva;
- b) quais são os argumentos escolhidos e em quais condições eles são formulados;
- c) porque um gênero consolidado pode modificar-se não apenas em sua estrutura composicional, mas também em relação aos conteúdos ideologicamente conformados e aos traços da posição enunciativa do locutor, face aos propósitos comunicativos e às características que um suporte diferente requer para sua manifestação.

Por conta dessas questões, o encaminhamento que se procura dar, no limite deste estudo, objetiva identificar e descrever a formulação de um discurso específico envolvendo o uso de estratégias argumentativas direcionadas a um modo de organização discursiva. Para tanto, pretende-se também observar que recursos estratégicos essa formulação discursiva realiza a ponto de, neste caso, mais do que persuadir, comover e impelir um auditório particular a desenvolver determinadas condutas.

Por essa razão, entendemos ser pertinente a descrição de determinados mecanismos utilizados estrategicamente por um locutor/preletor, para constituição do referido gênero. Contudo, embora sua circulação seja observada em diferentes esferas – religiosa, educacional, filosófica, política, policial, entre outras – é no campo do esporte que interessa discutir sua formulação e, para tanto, faz-se necessário trazer o contexto onde ela se inscreve para, então, avançarmos em direção aos objetivos aos quais nos propusemos neste trabalho.

Desse modo, o objeto de investigação deste trabalho está vinculado a produção de texto oral, gravado em áudio, com transcrição posterior, que ilustra o momento do pré-jogo de uma equipe (São Paulo Futebol Clube) que chega, em 2008, à final do Campeonato Brasileiro de Futebol, disputando o título com o Goiás Futebol Clube. Nos instantes que antecedem a partida, comissão técnica, auxiliares e jogadores, de mãos dadas, juntam-se no vestiário A-2/Visitante do Estádio Bezerrão, Distrito Federal, formando um círculo para receber as últimas orientações e, quebrando o protocolo, Rogério Ceni, 41 anos, goleiro do time, chama para si a tarefa de mobilizar emocionalmente a equipe para a conquista do referido campeonato.

A partir desse cenário enunciativo, pode-se depreender que a escolha por um gênero como a preleção está relacionada à determinados fundamentos que se ajustam adequadamente à situação de produção, ao papel e à posição que detém o preletor e ao contexto de interação posto que, nesse caso específico, é possível afirmar que o modo pelo qual a preleção foi organizada, levando-se em conta as estratégias de argumentação utilizadas, mobilizaram os espíritos dos jogadores em favor de maior empenho e determinação para atingir os objetivos previstos.

Ao tratar da descrição dos aspectos composicionais dessa formulação, reconhecemos, para tanto, a necessidade de identificar, descrever e interpretar marcas linguístico-discursivas distintivas que, na sua relação com o gênero observado em sociedade, possam apontar para a aproximação ou o distanciamento do estatuto genérico sobre o qual o discurso preletor é formulado.

Esta tarefa implica não somente no detalhamento e análise de elementos linguístico-discursivos e/ou recursos de argumentação acionados em sua constituição, mas também, na observação e análise de um modo peculiar de organização discursiva que deu sustentação para que fosse produzida a chamada “preleção campeã” de Rogério Ceni.

Esclarecemos, todavia, que observamos determinadas características presentes no processo de produção e circulação da referida preleção para compreender o contexto de produção (vide ANEXO 1) em que se dá sua inserção. Nesse sentido, indicamos que a sua veiculação deu-se a partir de seu registro produzido pela equipe

técnica do São Paulo Futebol Clube – www.saopaulofc.net – que cuida dos bastidores do time por conta dos interesses de propaganda e *marketing* que envolve o clube e que, posteriormente, difundiu o vídeo junto à mídia eletrônica de onde foi capturado o material para este estudo.

Para maior clareza no processo de identificação de sujeitos envolvidos com a constituição do *corpus*, objetivando orientar as respectivas alusões feitas ao longo das análises, apresentamos, para cada um desses interactantes, a seguinte qualificação: **L1** = Rogério Ceni, 41 anos – protagonista da preleção examinada – é goleiro do São Paulo Futebol Clube, com participação em mais de 1000 partidas realizadas, sendo atualmente o segundo jogador que mais vestiu a camisa de um clube na história do futebol mundial; **L2** = Comissão Técnica e demais jogadores do SPFC, reunidos em vestiário, por ocasião da disputa do Campeonato Brasileiro de Futebol, em 2008, contra o Goiás Futebol Clube.

Em razão de a pesquisa tratar de exame de texto da língua oral, procedemos à gravação da referida preleção, com a respectiva transcrição, sob a forma de anexo (vide ANEXO 2).

Foram adotadas, para esse fim, as convenções para transcrição de acordo com as normas do Projeto NURC/SP (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo), a partir do que apresentam Castilho e Preti (1987, p. 9-10), conforme o quadro seguinte:

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Truncamento	/
Entonação enfática	maiúscula
Alongamento de vogal ou consoante	::
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos	(())
Simultaneidade de vozes	[
Citações literais, reproduções de discurso direto, durante as gravações	“ “

Observações

1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos turnos e frases.
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, uhn.
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação.
6. Não se anota o cadenciamento da frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: alongamento e pausa.
8. Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências servem para marcar qualquer tipo de pausa.

Este trabalho fundamenta-se em três linhas teóricas complementares: a Teoria dos Gêneros do Discurso, a partir dos pressupostos teóricos de Bakhtin (2003) e Bazerman (2006), que permitem observar aspectos relacionados à constituição do gênero, descrevendo sua evolução e relação com manifestações discursivas específicas inscritas na esfera do esporte, como é o caso da preleção estudada; a Teoria da Argumentação, reconhecendo as contribuições de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) e, de forma complementar, a Análise da Conversação (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006) que subsidia a descrição de determinadas regras conversacionais que sustentam a formulação do gênero.

Em relação aos procedimentos metodológicos necessários à condução do estudo com vistas a dar respostas aos objetivos aos quais nos propusemos, optamos por uma pesquisa qualitativa, com viés descritivo, por considerar há uma relação dinâmica do mundo real – onde se insere o gênero preleção – e o sujeito (enunciador), que aponta para um vínculo entre a realidade e a subjetividade do preletor, de tal modo que essa relação não pode ser traduzida em números. Isso aponta para uma análise de um fenômeno linguístico-discursivo.

Para atribuir significados às características desse fenômeno, informamos que o presente estudo foi realizado tendo em vista diferentes etapas que compreenderam pesquisa bibliográfica; delimitação espaciotemporal para identificação de objeto de pesquisa; pesquisa de campo para fins de comprovação de incidência e documentação; levantamento e coleta de registros do gênero em diferentes suportes e esferas de circulação (gravação, tratamento de informação, aplicação de normas da ABNT para transcrição de inquéritos coletados); identificação, seleção, descrição e caracterização do *corpus*; análise de dados (gravações); análise teórica do *corpus*; verificação de eventuais resultados alcançados em relação aos objetivos propostos e ao problema de pesquisa e, por último passo, a elaboração de análise global a partir da descrição dos resultados alcançados.

Estabelecidas as condutas orientadoras para abordagem e respectiva análise do *corpus*, passaremos a discutir, à luz das teorias anunciadas, a constituição do gênero preleção e seu respectivo comportamento discursivo.

***Prelectio.onis*: artimanhas de um gênero pouco discutido**

Quando se elege um gênero da ordem do argumentar, como a preleção, que flerta com o instrucional, não estamos preocupados exclusivamente em examinar a atividade pedagógica de um treinador/técnico, ao nível da instrução fornecida por ele no processo de preparação de uma equipe para a competição. Interessa-nos, sobretudo, compreender como essa forma específica de comunicação se dá, como é formulada, que recursos linguístico-discursivos seu produtor faz uso e, principalmente, como os organiza de modo a produzir determinados efeitos de sentido junto a um auditório situado, como é o caso de um time de futebol concentrado e mobilizado para enfrentar um adversário em partida decisiva.

Para tanto, reconhecemos a importância da argumentação diante de processos constitutivos do discurso e, em função dessa constatação recorreremos aos estudos da Teoria da Argumentação para discutir a importância de determinadas ações alocadas em estratégias argumentativas tomadas para produção de um tipo específico de discurso.

Dessa forma, ressaltamos que o papel da argumentação, neste trabalho, leva em conta os estudos cujas bases estão vinculadas aos ideais da Retórica Clássica, reabilitada e ampliada por Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958], 1996). Esses autores estudam as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão das mentes às teses que se apresentam ao seu assentimento (*op.cit.*, p.5), entendidas aqui como estratégias, cujas descrição poderá ser observada ao longo das análises decorrentes desta discussão, como a que destacamos no segmento inicial do *corpus* indicado.

- L1 o medo de perDER... ele faz com que você tenha atenção
que você preste mais atenÇÃO no que você está fazendo dentro do campo
que você se dedique mais dentro do campo
[...]
vou dizer uma coisa pra vocês...
- 5 a decisão... ela não é contrao GoiÁS::...
a decisão é contra NÓS mesmos...
esse time não VAI ser camPEÃO::...
se ele fizerem CINco a ZERo eles não vão ser campeões

Com valor de *exordio*, indicando o assunto que interessa à

tese sobre a qual o discurso será montado, a escolha frasal escolhida por L1, na linha 1, para abertura, reveste-se de linguagem de caráter persuasivo, aos moldes do que era preconizado pela retórica aristotélica que, ao introduzir o tema, busca assegurar a fidelidade dos ouvintes. Por outro lado, nessa introdução também é possível perceber que fora produzido estrategicamente uma espécie de esquecimento semântico (de “a vontade de ganhar”, p.e.), como expediente argumentativo à medida que checa o grau de coragem de cada um dos jogadores (agora “guerreiros”) e incute no ouvinte uma advertência que apela ao moral atlético.

Um discurso para enunciar-se eficaz e eficientemente, cumprindo seu efeito persuasório deve, segundo Mosca (2004, p. 22), mobilizar

[...] todos os recursos retóricos para a produção de efeitos de sentido, isto é, com vistas a um determinado fim, havendo, pois um caráter manipulador em seu funcionamento com vistas.

[...] Nesse sentido, todo discurso é uma construção retórica, na medida em que procura conduzir o seu destinatário na direção de uma determinada perspectiva do assunto, projetando-lhe o seu próprio ponto de vista, para o qual pretende obter adesão.

Ainda na l.1, é possível observar que na construção (*o medo de perder*) o preletor faz uso de um argumento denominado *pragmático* quando, ao aproximar ideias aparentemente contraditórias, faz uma advertência, seguida da avaliação de um ato iminente, em função das consequências desfavoráveis que pode provocar caso seu auditório não “tenha atenção”. Esse *raciocínio quase-lógico*, de valor aparentemente paradoxal, serve como um aconselhamento àqueles que deixam-se imobilizar pelo medo, o que não é o caso de L1, cuja vontade de ganhar é reconhecida entre seus adversários.

Quando, na linha 4, L1 chama para si (*vou dizer para vocês*) a tarefa de convencer o seu auditório particular denota, a partir do uso da 1ª pessoa do singular, expertise em persuadir, uma vez que fala de uma posição de respeito perante o grupo, pois fora a ele delegada a função de motivar o time. Neste caso, a l.4 exemplifica, de início, a força do *argumentum ad verecundiam* capaz de revestir, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958], 1996), a fala de L1 de autoridade, que também vai aparecer novamente na linha 8 quando ele novamente exorta seus “comandados” a um tipo de vitória que nasce primeiro dentro dos corações e mentes de cada um dos jogadores, antes mesmo

da partida começar.

Já nas linhas 5 e 6, L1, ao colocar para seu auditório particular um sentenciamento aparentemente paradoxal (*quem gosta de tomar decisão contra si?*), faz uso do Argumento *ad hominem* (PERELMAN, 1996), no sentido de não desqualificar o ouvinte, mas chamá-lo à consciência.

Ao tomarmos o fragmento seguinte da preleção, cuja coleta aponta para exatos 2'43" de áudio gravado e aqui transcrito, podemos observar outro conjunto de argumentos que foram estrategicamente formulados de modo a ampliar a adesão à tese proposta pelo preletor na introdução, como acontece quando L1 impõe condições: (l. 11) "se vocês acreditarem [...]" e, em seguida, "se todos correrem [...]", o discurso aponta para o argumento conhecido por *Dilema*, que sugere uma espécie de obrigação para L2 (ouvintes) ao escolher uma alternativa, embora ambas condições reforcem o ideal de consagração.

- | | | |
|----|----|---|
| 10 | | a nossa decisão de ser camPEÃO está dentro de cada um de nós::
tá no CARA que vocês estão segurando a MÃO...
se vocês accrediTAREm no cara que está ao lado de vocês::
e se todos correrem um pelo OUTRO
nós vamos voltAR tricampeões brasileiros::...
NUNCA ninguém fez Isso... |
| 15 | L2 | [...]fazer nossa histÓria... vamo LÁ::...
nem na história do São PAULO... nem na história do Brasil
nem na história do nosso país:: |

A ênfase que L1 procura criar por meio da especificação de situações relacionadas a um conteúdo atitudinal de cada jogador / decisão de ser campeão /, descrita nas linhas 9 e 10, serve para reforçar a meta do bom "rhetor"/preletor que lança mão de provas subjetivas e morais, bem ao feitio da retórica psicológica, não apenas para persuadir (*elocutio*) mas, sobretudo, comover (*actio*) seus ouvintes de modo a impelir seus ânimos (*animos impellere*) à consecução do seus objetivos.

Observa-se, ainda, a importância que ganha a escolha lexical feita por L1 ao dirigir-se ao seu auditório. À linha 14, a expressão utilizada (*nunca*) expressa um valor resumitivo das causas e consequências da batalha que estava por vir e essa opção evidencia, uma vez mais, sua posição de autoridade na formulação discursiva.

- tem tanta gente que TORce contra a gente...
 tentaram fazer TANTo contra a gente
 20 mas o que impORta na vida são os caras que GOSTam da gente...
 é a esPOsa que tá esperando em CAsa...
 é o filho que tá pra nascer...
 é o filho que tá esperANdo você chegar em casa...
 com um presente na mão... que é título::...
 25 vamos ser campeões... se DEUSquiser
 [...] [...]
 L2 vamo lá.. PAI NOSso que esTAIS no CéU

Se observarmos a formulação discursiva que é produzida entre as linhas 20 a 25 será possível identificar outro uso estratégico de elementos linguístico-discursivos. Nesse segmento, L1 hierarquiza, intencionalmente, um auditório presumido, ao lançar diferentes sujeitos que reúnem entre si uma mesma expectativa (todos aguardam um presente que está simbolizado na conquista do título). Neste caso, o preletor, ao fazer uso dessa enumeração, faz crescer uma espécie de escala de valores, decisivos, no sentido de comover seu auditório, arrebatando os espíritos à mais completa adesão a sua tese, quando convoca a todos, à linha 26, para a bênção final.

Assim, *essemise-en-scène* enunciativo, combinado com a utilização estratégica de argumentos que desencadeiam uma situação específica de interação, posto que é calibrada por um discurso de caráter persuasivo, nos remete aos pressupostos defendidos por Kerbrat-Orecchioni (2006), quando afirma que

[...] o **exercício da fala implica uma interação**, ou seja, ao longo do desenrolar-se de uma troca comunicativa qualquer, os diferentes participantes, aos quais chamaremos "interactantes", exercem uns sobre os outros uma rede de **influências mútuas** – falar é trocar, e mudar na troca. (2006, p. 8, grifo do autor).

Diante dessa perspectiva, é possível esboçar uma conclusão indicativa de que L1 marcou seu discurso com tom argumentativo que se espera de um gênero como a preleção e isto se verificou, seja pelo fato de utilizar meios de persuasão/provas (*pisteis*) fora da *techne* (*pisteis atechnoi*), i. e., aquelas que referem-se à natureza do objeto, ou por valorizar os meios persuasivos que dependem da capacidade de raciocínio do preletor.

Considerações Finais

Podemos pensar, dessa forma, que a produção discursiva é marcada por um conjunto de estratégias linguístico-discursivas com força para instaurar a persuasão. Nesse sentido, discutir a importância de determinadas ações alocadas em estratégias argumentativas tomadas para produção de um tipo específico de discurso, significa reconhecer o papel imprescindível da Argumentação na constituição de determinados gêneros com reconhecimento sócio histórico como é o caso da preleção, objeto de discussão deste trabalho.

Ao destacar a relevância desse processo, Marcuschi (2002, p.10), afirma que

“o ato linguístico fundamental” é o ato de argumentar. Isto significa que comunicar não é agir na explicitude linguística e sim montar o discurso envolvendo intenções em modos de dizer cuja ação discursiva se realiza nos diversos atos argumentativos construídos na tríade do falar, dizer e mostrar.

Desse modo, ao examinarmos aspectos linguístico-discursivos que ajudam a produzir um tipo específico de discurso presente na chamada situação de pré-jogo, esfera do esporte de competição, devemos entender, a princípio, que os modos de sua organização discursiva e suas estratégias retórico-argumentativas estão relacionados, de certa maneira, ao que postula Koch (2006), quando analisa o relacionamento do homem, tanto com a natureza quanto com seus semelhantes. Diz a autora (*op.cit.*, 2006, p. 17) que todo processo de argumentação pode ser caracterizado por meio da língua a partir de situações de interação social.

Se assim o é, como diz a autora, a língua apresenta a argumentatividade como elemento constitutivo de sua natureza, pois o que quer que digamos – desde a comunicação proveniente das mais triviais situações de interação verbal, ou mesmo aquelas decorrentes de processos mais elaborados para produção de discursos de natureza científica, acadêmica, filosófica, jornalística ou esportiva –, tudo tem sempre, como efeito desejado, o agir sobre o outro. Mais do que isso, por meio de nossos discursos, construímos (ou destruímos) uma imagem perante o outro, uma imagem que adaptamos às expectativas que julgamos que o interlocutor tem sobre nós e cujos contornos

definimos em função do nosso interesse em agradar ou desagradar esse interlocutor.

Vista sob esse ângulo, a Argumentação é entendida como um meio que tem, como fundamento principal, a ação de convencimento, no sentido de buscar adesão de alguém, para que tenha sua opinião ou seu comportamento alterado, uma vez que ao argumentarmos revelamos, implícita ou explicitamente, o objetivo de convencer alguém a pensar como nós.

Dessa forma, o presente estudo sobre um gênero quase esquecido, como a preleção, aponta para a necessidade de maiores investimentos na descrição do modo estratégico como se organizam os argumentos, especialmente, no momento da formulação discursiva. Ressalta-se, ainda, que é essencial para a compreensão do processo constitutivo do gênero e sua relevância para os estudos não apenas o diálogo com as teorias do gênero – seja quando se discute aspectos composicionais, seja quanto a sua maleabilidade em adaptar-se a diferentes situações de produção, em diferentes esferas de comunicação (da religiosa à policial).

Se, por outro lado, considerarmos que toda formulação discursiva comporta determinadas regras que sustentam o funcionamento das interações verbais, também devemos reconhecer contribuições importantes da Análise da Conversação, uma vez que, ao analisar o discurso de um preletor com reconhecimento social como Rogério Ceni, passamos a conhecer um pouco melhor as relações que se constroem, pelo viés *dafala-em-interação*.

Desse modo, ao concluir, podemos dizer que foi possível identificar, a partir das análises até aqui realizadas, a possibilidade de um gênero consolidado, como a preleção, distanciar-se de seu *habitat* de origem – a educação pela religião – e buscar adaptação a um novo contexto interacional, como o pré-jogo, levando em conta as características fundamentais da situação em que ele se dá e as relações de intersubjetividade dos interactantes situados por um contexto específico, além da própria relação do gênero com a situação de produção sem, contudo, comprometer a integralidade de seus aspectos composicionais.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.: 261-306.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. BAZERMAN, C.; DIONÍSIO, A. P.; CHAMBLISS HOFFNAGEL, J. (Orgs.); tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. Série Princípios, v. 17, 16. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MOSCA, L. L. S. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

ORECCHIONI, C. K. **Análise da Conversação**: princípios e métodos. Tradução Carlos Piovezani Filho. Ed. Parábola Editorial, São Paulo, Setembro de 2006.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 2002 ([1996]).

Dicionário

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

TORRINHA, F. **Dicionário Latino Português**. 2.ed. Editorial Domingues Barreiras: Porto, Portugal. 1942.

Recebido em 16 de junho de 2013.

Aceito em 15 de outubro de 2013.

ANEXO 1

CONTEXTUALIZAÇÃO

- Época: 07.12.2008
- Localização: Gama (DF) - Estádio Valmir Campelo Bezerra (Bezerrão)
- Campeonato: “Brasileirão 2008” / Campeonato Brasileiro de Futebol 2008
- **Placar: GOIÁS Esporte Clube 0 X 1 SÃO PAULO Futebol Clube**
- **Escalação do SPFC:** Rogério Ceni (capitão); André Dias, Rodrigo e Miranda; Joilson (Jancarlos), Richarlyson, Hernanes, Hugo e Jorge Wagner; Dagoberto (Bruno) e Borges (André Lima). Técnico: Muricy Ramalho
- **Escalação do GEC:** Harlei; Henrique Santos, Rafael Marques e Ernando; Vítor, Leandro Fabel (Romerito), Ramalho, Paulo Baier, Júlio César (Adriano) e Thiago Feltri; Fausto (Alex Terra). Técnico: Hélio dos Anjos.

- Gol: Borges, 22'/1o. tempo
- Árbitro: Jaílson Macedo Freitas
- Renda: R\$ 1.662.000,00
- Público: 18.093 pagantes
- **Título: SPFC Hexa Campeão Brasileiro 2008**
- Pré-jogo: **ROGÉRIO CENI faz preleção no vestiário minutos antes da partida ser iniciada.**

CENA DA PRELEÇÃO E PARTICIPANTES:

- Atletas do SPFC formam um círculo em torno do goleiro Rogério Ceni (L1) e, de mãos dadas, ouvem atentamente, por 2'43", a preleção feita;

ANEXO 2

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO segundo as normas do NURC-SP. Recolhido em mídia digital.
(Disponível em: <http://www.youtube.com>. Acessado em 04/02/2011).

L1 = Locutor/Preletor (Rogério Ceni, 40 anos, Goleiro do SPFC)

L2 = Atletas escalados para partidas, reunidos para ouvir a preleção, em situação de pré-jogo)

()

L1 o medo de perDER... ele faz com que você tenha atenção
que você preste mais atenÇÃO no que você está faZENdo dentro do campo
que você se dedique MAIS dentro do campo

...
vou dizer uma coisa pra vocês...

5 a decisão:: ela não é contra o GoiÁS::...
a decisão é contra NÓS mesmos...
esse time não VAI ser caPEÃO::...
se ele fizerem CINco a Zero... eles não vão ser capeões
a nossa decisão de ser camPEÃO está dentro de cada um de NÓS::

10 tá no CAra que vocês estão segurando a MÃO...
se vocês acRediTAreM no cara que está ao lado de vocês:
e se todos correrem um pelo OUTro
nós vamos voltAR tricampeões brasileiros::...
NUNCA ninguém fez isso...

15 L2 (...) () fazer nossa histÓria... vamo LÁ::...
nem na história do São PAulo... nem na história do BraSIL
nem na história do nosso país::
tem tanta gente que TORce contra a gente...
tentARam fazer TANTo contra a gente

20 mas o que imPORTa na vida são os caras que GOSTam da gente...
é a esPOsa que tá esperando em CAsa...
é o filho que tá pra nascer...
é o filho que tá esperANDo você chegar em casa
com um presente na mão... que é Título::...

25 vamos ser campeÕES... se DEUS quiSER
(...) ()

L2 VAmo lá.. PAI NOSSo que estAIS no CÉU